



Universidade de Brasília (UnB)

Faculdade de Administração, Contabilidade, Economia e Gestão de Políticas Públicas (FACE)

Departamento de Ciências Contábeis e Atuariais (CCA)

Bacharelado em Ciências Contábeis

JÚLIA PORFÍRIO RABELO

GESTÃO DE FINANÇAS PESSOAIS DE DISCENTES DE GRADUAÇÃO DA UNB E DO
UNICEUB

Brasília, DF

2024

JÚLIA PORFÍRIO RABELO

Gestão de Finanças Pessoais de Discentes de Graduação da UnB e do UniCEUB

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado ao Departamento de Ciências Contábeis e Atuariais da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Ciências Contábeis.

Prof^ª. Dr^ª.

DUCINELI RÉGIS BOTELHO

Linha de Pesquisa

CONTABILIDADE FINANCEIRA

Área

FINANÇAS PESSOAIS

Brasília, DF

2024

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

RR114g Rabelo, Júlia Porfírio
Gestão de Finanças Pessoais de Discentes de Graduação da UnB e do UnICEUB / Júlia Porfírio Rabelo; orientador Ducineli Régis Botelho. -- Brasília, 2024.
49 p.

Monografia (Graduação - Ciências Contábeis) -- Universidade de Brasília, 2024.

1. Teoria dos Prospectos. 2. Comportamento Financeiro. 3. Planejamento Financeiro. 4. Poupança e Investimento. 5. Endividamento. I. Botelho, Ducineli Régis, orient. II. Título.

Professora Doutora Márcia Abrahão Moura
Reitora da Universidade de Brasília

Professor Doutor Enrique Huelva Unternbäumen
Vice-Reitor da Universidade de Brasília

Professor Doutor Diêgo Madureira de Oliveira
Decano de Ensino de Graduação

Professor Doutor José Márcio Carvalho
Diretor da Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Gestão de Políticas
Públicas

Professor Doutor Sérgio Ricardo Miranda Nazaré
Chefe do Departamento de Ciências Contábeis e Atuarias

Professor Doutor Alex Laquis Resende
Coordenador de Graduação do curso de Ciências Contábeis - Diurno

Professor Doutor Wagner Rodrigues dos Santos
Coordenador de Graduação do curso de Ciências Contábeis - Noturno

JÚLIA PORFÍRIO RABELO

GESTÃO DE FINANÇAS PESSOAIS DE DISCENTES DE GRADUAÇÃO DA UNB E DO
UNICEUB

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado ao Departamento de Ciências Contábeis e Atuariais da Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Ciências Contábeis.

Prof.^a Dr.^a Ducineli Régis Botelho
Orientadora
Departamento de Ciências Contábeis e Atuariais
Universidade Brasília (UnB)

Prof. Dr. José Alves Dantas
Examinador
Departamento de Ciências Contábeis e Atuariais
Universidade de Brasília (UnB)

BRASÍLIA
2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter conseguido concluir mais essa etapa e por todas as oportunidades que Ele já me concedeu. Sou agradecida à minha família, em especial meus pais, Liliane e Valdson, minha irmã, Lara, e minha vó, Elza, por todo o suporte e apoio durante, não só minha graduação, mas também ao longo da minha vida. Sou grata aos meus amigos que me apoiaram, me auxiliaram e me acompanharam nessa jornada até aqui. Um agradecimento especial ao meu amigo Marcos Vinícius que me ajudou bastante no decorrer do meu TCC, me ouvindo e me ajudando com o que eu precisasse.

Deixo registrado, também, a minha gratidão à Universidade de Brasília, especialmente a minha orientadora, Ducineli Régis Botelho, pela grande ajuda na condução do meu trabalho. Gratidão também aos docentes do departamento de Ciências Contábeis e de departamentos de matérias que peguei ao longo do curso, por todos os ensinamentos adquiridos para a minha formação e para minha vida.

RESUMO

O objetivo geral desse estudo é analisar o comportamento financeiro de estudantes de graduação de uma IES pública e de uma IES particular. Para isso, foi aplicado um questionário a 238 estudantes de graduação da Universidade de Brasília (UnB) e do Centro de Ensino Unificado de Brasília (UniCEUB), o qual apresentava perguntas relativas ao comportamento financeiro desses discentes. No geral, os resultados encontrados trouxeram que o comportamento financeiro dos estudantes é adequado para a 15 das 16 perguntas, além de ter sido encontrada uma correlação fraca entre a Instituição de Ensino Superior e os comportamentos financeiros dos discentes. Assim, esse trabalho contribui ao enfatizar a necessidade de possuir as finanças pessoais bem administradas, por meio de ações de planejamento financeiro, pelo estabelecimento de poupanças e de investimentos e pela adoção de medidas que evitem o endividamento, garantindo, desse modo, um bem-estar financeiro.

Palavras-chaves: Teoria dos Prospectos; Comportamento Financeiro; Planejamento Financeiro Pessoal; Poupança e Investimento; Endividamento; UnB; UniCEUB; Discentes.

ABSTRACT

The overall objective of this research is to analyze the financial behavior of undergraduate students from a public HEI and a private HEI. For this purpose, a questionnaire was administered to 238 undergraduate students from the University of Brasília (UnB) and Brasília Unified Education Center (UniCEUB), which presented questions regarding the financial behavior of these students. Overall, the results found showed that students' financial behavior is adequate for 15 of the 16 questions, in addition to a weak correlation being found between the Higher Education Institution and students' financial behavior. Therefore, this academic transcript contributes by emphasizing the need to have well-managed personal finances, through financial planning actions, the establishment of savings and investments and the adoption of measures that avoid debt, consequently guaranteeing a financial well-being.

Keywords: Prospect Theory; Financial Behavior; Personal Financial Planning; Savings and Investment; Debt; UnB; UniCEUB; Students.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Perfil da Amostra	31
Tabela 2 – Correlações com a Renda Familiar	33
Tabela 3 – Áreas do Conhecimento e Cursos	33
Tabela 4 – Comportamento Financeiro dos Estudantes	35
Tabela 5 – Correlação entre o Comportamento Financeiro e a IES	37

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1 Contextualização	10
1.2. Problema de Pesquisa	13
1.3. Objetivos	13
1.3.1. Objetivo Geral	13
1.3.2. Objetivos Específicos	13
1.4. Delimitação do Trabalho	13
1.5. Justificativa	14
2. REVISÃO DA LITERATURA	16
2.1. Teoria dos Prospectos: Pressupostos Básicos	16
2.2. Variáveis do Comportamento Financeiro	17
2.2.1. Planejamento Financeiro	17
2.2.2. Poupança e Investimento	19
2.2.3. Endividamento	21
3. METODOLOGIA	26
3.1. Perfil da Amostra	26
3.2. Procedimentos de Análise	27
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	30
4.1. Análise da Amostra	30
4.2. Análise do Comportamento Financeiro	35
5. CONCLUSÃO	38
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40
7. APÊNDICE 1 - Questionário Adaptado	43

1. INTRODUÇÃO

1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO

Oliveira, Demito e Silva (2023) trazem que, hodiernamente, a complexidade nas decisões financeiras vem crescendo cada vez mais em virtude da instabilidade econômica nacional e mundial, assim como pelo aparecimento de uma grande diversidade de produtos financeiros. Ademais, Potrich, Vieira e Cerreta (2013) afirmam que, dentro desse contexto financeiro cada vez mais complexo, a alfabetização financeira se torna uma habilidade fundamental para os indivíduos. Dessa forma, vários pesquisadores, governos e organismos internacionais vêm se dedicando a essa temática.

As finanças podem ser consideradas como a ciência e a arte de administrar o dinheiro, isto é, a forma como as pessoas, tanto físicas como jurídicas, investem, gastam e ganham os recursos financeiros. Essas ações são desenvolvidas tanto pelas empresas, de maneira mais complexa, quanto pelos indivíduos, de maneira mais simplificada. Dando enfoque no âmbito pessoal e individual, as ações de planejar e controlar recursos não são estendidas para toda a população brasileira. (SANTOS et al., 2019).

Como instrumento de redução de incertezas durante o processo decisório, tem-se o planejamento financeiro pessoal, que também estimula o controle sustentável das finanças pessoais. Essa ferramenta torna-se acessível por meio de algumas variáveis, dentre elas, a educação financeira, que incentiva o aprimoramento de conhecimentos, aptidões e habilidades financeiras, dando condições para o indivíduo administrar os seus próprios recursos. Assim, os indivíduos aprimoram habilidades e confiança, compreendem melhor a temática, por meio de instruções, aconselhamentos e informações, além de aprenderem a reconhecer as oportunidades e os riscos presentes no contexto econômico (SANTOS et al., 2019).

Para mais, é afirmado no estudo de Lima Filho, Silva e Levino (2020) que indivíduos mais educados financeiramente costumam ter menos endividamento, mais disponibilidade de renda, mais direcionamento à poupança e mais preparação para aposentadoria.

Dessa forma, a Educação Financeira, como temática, vem ganhando força paulatinamente em nível mundial e, especialmente, em nível local, tendo em vista o crescimento da população brasileira endividada que desconhece o custo do crédito relacionado a essas operações. (OLIVEIRA; DEMITO; SILVA, 2023).

Ademais, principalmente quanto ao orçamento e administração das próprias receitas, a educação financeira sempre possuiu grande relevância na ajuda ao consumidor. Ter esse conhecimento possibilita o estímulo de práticas de poupança e de investimento de forma

eficiente, dificultando, dessa forma, que aqueles que possuem recursos se tornem vítimas de fraude (ALBUQUERQUE; SOEIRO; OLIVEIRA, 2023).

Todavia, Lima Filho, Silva e Levino (2020) trazem que não é só conhecimento que interfere no processo decisório, mas também o comportamento da pessoa diante do dinheiro, o investimento, o endividamento, a propensão a riscos e as finanças pessoais.

Assim, a educação financeira precisa, além de tratar das questões mercadológicas, desenvolver a tomada de decisão sensata, a consciência reflexiva e crítica sobre questões financeiras e a noção dos malefícios das ações consumistas para a sociedade (OLIVEIRA; DEMITO; SILVA, 2023).

Nesse sentido, além de a ausência da educação financeira ser capaz de acarretar problemas na gestão de finanças pessoais, as emoções, os imprevistos alheios a vontade da pessoa e as situações esporádicas podem gerar endividamento (LIMA FILHO; SILVA; LEVINO, 2020).

Tendo isso em vista, Potrich, Vieira e Kirch (2015), no que se relaciona à administração de finanças pessoais, trazem que a aprendizagem das finanças tem função preponderante no estabelecimento de atitudes e comportamentos responsáveis, afirmando também que a alfabetização financeira é peça fundamental para se ter sucesso na vida adulta e que ela abrange o aprendizado da tomada de decisões entre diversas possibilidades para a determinação das metas financeiras.

Assim, segundo Jobim e Losekann (2015), a alfabetização financeira pode ser destacada sob a ótica do bem-estar pessoal, já que, a possuindo, são evitadas situações de desorganização doméstica e outras mais significantes, como a inclusão do nome no Serviço de Proteção ao Crédito – SPC – ou no Serasa Experian, que dificultam o consumo e, em diversos casos, a carreira profissional.

Nesse sentido, Lima Filho, Silva e Levino (2020) trazem que decisões financeiras equivocadas são capazes de ferir o bem-estar social, já que atingem, de forma direta, pessoas que manejam não só dinheiro, mas também uma variedade de produtos ofertados. Devido a complicada missão de organizar as finanças, principalmente quando não se há conhecimento sobre conceitos, produtos financeiros e instrumentos auxiliares no gerenciamento financeiro, fica evidente a relevância que o mercado traz para a educação financeira.

A compreensão dos fundamentos, dentre eles o orçamento, a poupança, o investimento e a gestão de dívidas, é um dos pontos basilares da alfabetização financeira. A educação financeira objetiva a capacitação das pessoas no sentido de saber aplicar os princípios no seu cotidiano, não se restringindo ao conhecimento teórico, fazendo com que os indivíduos tenham

consciência sobre o impacto de suas decisões financeiras (OLIVEIRA; DEMITO; SILVA, 2023).

Nesse sentido, a compreensão da gestão financeira pessoal, segundo a pesquisa de Maniçoba (2017), possibilita a atuação ativa por parte do indivíduo na administração de seus bens e na obtenção de novos meios de se sustentar para a aposentadoria, o que é importante ao considerar o contexto incerto e turbulento da Previdência Social.

Dito isso, pesquisas indicam que, no Brasil, o nível de educação financeira é baixo, sendo que as pessoas, comumente, não fazem planejamento de gastos a longo prazo ou tardam para fazê-lo. Ademais, os brasileiros, em sua maioria, passam por percalços na hora de tomar decisões em relação a empréstimos e investimentos, além de desconhecerem de forma significativa sobre riscos e instrumentos de proteção (ALBUQUERQUE; SOEIRO; OLIVEIRA, 2023).

Nesse contexto, Potrich, Vieira e Kirsch (2015) trazem a necessidade da inserção de matérias de gestão financeira e de noções de finanças no mercado em todos os cursos de graduação, independentemente da área de ensino.

Ainda, Albuquerque, Soeiro e Oliveira (2023) invocam um estudo que destaca a educação financeira como instrumento vital para a boa gestão de finanças pessoais, incentivando a criação de poupança e a obtenção de novas maneiras de investimento.

Nesse sentido, Bogoni et al. (2018) afirmam que temáticas voltadas para a alfabetização financeira e a educação financeira estão paulatinamente se adentrando na vida das pessoas, sendo indiferente a sua classe social ou o seu nível de renda. Esse fato é decorrente, segundo esses autores, do progressivo aprimoramento dos mercados financeiros e das transformações as quais a sociedade está sujeita, sejam elas demográficas, econômicas, políticas ou sociais.

Assim sendo, a educação financeira foi conceituada como um processo em que as pessoas desenvolvem sua compreensão acerca dos produtos financeiros, suas conceituações e riscos, de modo que possam aprimorar as habilidades e a confiança necessárias para tomarem decisões seguras e fundamentadas a partir de informações e de recomendações precisas, o que aumenta o bem-estar dos indivíduos (POTRICH; VIEIRA; CERRETA, 2013).

Já a alfabetização financeira, como é definida por Potrich, Vieira e Kirch (2015), é uma mistura de consciência, conhecimentos, habilidades, atitudes e comportamentos essenciais para a tomada de decisões financeiras as quais levarão ao bem-estar financeiro individual. Desse modo, Potrich, Vieira e Ceretta (2013) sintetizam que a educação financeira se volta para o conhecimento, enquanto a alfabetização financeira engloba, além do conhecimento, a atitude e o comportamento financeiro dos indivíduos.

Diante disso, um dos componentes imprescindíveis da alfabetização financeira é, como apresentado no estudo de Potrich, Vieira e Kirch (2015), o comportamento financeiro, que foi destacado como o elemento mais significativo. Outrossim, esses autores expõem que os resultados de ser ou não financeiramente alfabetizado são evidenciados, respectivamente, por comportamentos positivos, no planejamento de despesas e na formação da segurança financeira, ou por negativos, no uso excessivo de crédito, diminuindo o bem-estar financeiro.

Nessa direção, Oliveira, Demito e Silva (2023) trazem que o desenvolvimento do comportamento advindo da alfabetização financeira refere-se a dimensão do comportamento financeiro. Essa dimensão avalia atitudes relativas à disciplina e ao controle das finanças pessoais. Para explicá-la, deve-se auferir a alfabetização financeira pela utilização de testes objetivos ou de avaliações subjetivas.

Ademais, Maniçoba (2017) estabelece que o fator determinante do sucesso ou fracasso na administração financeira pessoal é o comportamento individual e social, já que existem pessoas que consomem apenas o necessário e outras que, pelo contrário, são influenciadas pelos grupos sociais nos quais estão inseridas e compram por modismo.

Dito isso, dentre alguns exemplos de pesquisas brasileiras que tratam da alfabetização financeira de jovens universitários, têm-se os estudos de Potrich, Vieira e Ceretta (2013), de Potrich, Vieira e Kirch (2015) e de Bogoni et al. (2018), os quais enfatizam as dimensões conhecimento, atitude e comportamento financeiros. Assim como esses estudos, esse trabalho acadêmico volta-se para estudantes de graduação, porém ele busca analisar apenas um dos constructos da alfabetização financeira: o comportamento financeiro.

1.2. PROBLEMA DE PESQUISA

Assim, levando em conta a possibilidade de a instituição de ensino também ser uma variável relevante no que se refere a educação financeira, o problema de pesquisa desse estudo tem como pergunta norteadora se há diferença no comportamento financeiro de discentes de graduação de uma IES pública e de uma IES particular.

1.3. OBJETIVOS

1.3.1. Objetivo Geral

O objetivo geral desse estudo é analisar o comportamento financeiro de estudantes de graduação de uma IES pública e de uma IES particular.

1.3.2. Objetivos Específicos

Os objetivos específicos são: (a) verificar se existe correlação entre a Instituição de Ensino Superior e a renda familiar de seus estudantes, assim como (b) analisar se há relação entre a renda familiar e a última escolaridade completa dos pais dos estudantes.

1.4. DELIMITAÇÃO DO TRABALHO

Esse estudo tem como teoria de base a Teoria da Perspectiva, ou também chamada Teoria dos Prospectos, de Kahneman e Tyersky (1979), a qual aborda os vieses comportamentais como fatores que influem no processo decisório dos agentes financeiros (FAVERI; KNUPP, 2018; MACEDO; DANTAS; OLIVEIRA, 2012).

Outrossim, esse trabalho é norteado pelo conceito de alfabetização financeira desenvolvido pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD, 2013), que foi estabelecido como sendo a união de consciência, conhecimento, habilidade, atitude e comportamento fundamentais para a tomada de decisões financeiras para se ter, conseqüentemente, o bem-estar financeiro individual. Ainda, considerando que a alfabetização financeira, segundo essa organização, apresenta três constructos, dentre eles, o conhecimento financeiro, a atitude financeira e o comportamento financeiro, esse trabalho enfatiza este último constructo, o qual se configura como o elemento mais importante (POTRICH; VIEIRA; KIRCH, 2015).

Nesse sentido, esse estudo também investiga três tópicos relativos ao comportamento financeiro, dentre eles: (1) planejamento financeiro, (2) poupança e investimentos e (3) endividamento pessoal.

Ademais, a amostra é composta por estudantes de graduação matriculados no período correspondente ao 1º semestre de 2024 na Universidade de Brasília (UnB) para representar a IES pública e no Centro de Ensino Unificado de Brasília (UnICEUB) para corresponder a IES particular.

Além disso, o trabalho tem como instrumento de pesquisa um questionário online adaptado de Potrich, Vieira e Kirch (2015) que apresenta questões referentes, primeiramente, ao perfil do participante, que incluem nome, instituição, e-mail, matrícula, ano de ingresso no curso, gênero, estado civil, dependentes, ocupação, idade, escolaridade, escolaridade dos pais, renda própria e renda familiar. Seguidamente, são apresentadas perguntas relativas ao comportamento financeiro do respondente. Esse instrumento foi compartilhado pelo Microsoft Teams e via WhatsApp, em grupos com alunos de graduação das Instituições de Ensino Superior trabalhadas nesse estudo.

1.5. JUSTIFICATIVA

Tendo em vista que Maniçoba (2017) apresenta que a maioria das pesquisas acadêmicas publicadas na área de finanças é voltada para finanças organizacionais e que é evidente a existência de uma certa carência no campo das finanças pessoais, fica perceptível a importância desse estudo.

Segundo o estudo de Potrich, Vieira e Kirch (2015), a literatura brasileira é escassa quanto a estudos que visam avaliar a alfabetização das pessoas, sendo encontradas apenas algumas pesquisas que tratam das diferenças relativas às variáveis socioeconômicas e demográficas de maneira isolada e não simultânea. Nesse contexto, é perceptível a relevância de novas pesquisas que apresentem aspectos relativos à alfabetização financeira pessoal.

Ademais, Maniçoba (2017) traz que pesquisas futuras podem possibilitar uma melhor generalização de resultados ao ser replicado o instrumento que foi utilizado no seu estudo com outras instituições. Dito isso, apesar de não ter sido utilizado o mesmo instrumento, esse estudo abrange discentes de outras instituições.

Destarte, considerando a pertinência da temática e o número reduzido de pesquisas relacionadas à alfabetização financeira, é perceptível que esse trabalho contribui para a sociedade por meio da ampliação de estudos sobre esse tema, adentrando, principalmente, sobre o constructo comportamento financeiro.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1. TEORIA DOS PROSPECTOS: PRESSUPOSTOS BÁSICOS

Com a globalização, o cenário mundial se transformou em um espaço interativo nos âmbitos econômico e social, principalmente no que se refere ao conhecimento, tornando-se mais diversificado e atingindo outras áreas, como a economia, a contabilidade e a psicologia, auxiliando no processo de tomada de decisões das pessoas que controlam seus consumos diários e gerenciam sua contabilidade pessoal (VIEIRA et al., 2022).

A área de finanças comportamentais se concentra nos estudos das escolhas dos investidores a partir de evidências empíricas e pressupostos psicológicos. Os modelos clássicos dessa área foram criticados em virtude da ausência de realismo psicológico na racionalidade, já que, se os agentes não fossem completamente racionais, as previsões ficariam comprometidas. Desse modo, notou-se que os pressupostos psicológicos mais realistas têm melhor capacidade de explicar e prever decisões financeiras (FAVERI; KNUPP, 2018).

Devido a essas evidências empíricas originadas por meio de pesquisas feitas na década de 1970 por psicólogos, os pressupostos da racionalidade ilimitada foram confrontados, o que proporcionou o surgimento de outras teorias que almejavam a compreensão da tomada de decisão dos agentes financeiros, como foi o caso da Teoria da Perspectiva, de Kahneman e Tversky (1979), a qual prega a existência de vieses comportamentais que influenciam no processo decisório das pessoas (FAVERI; KNUPP, 2018).

Nessa teoria, também chamada de Teoria dos Prospectos, os resultados são percebidos como desvios em relação ao referencial usado no processo decisório, ou seja, é possível ter a identificação de comportamentos diferentes frente aos ganhos e às perdas pelos vieses de decisão aos quais os agentes estão submetidos. Assim, são descritas decisões por alternativas que englobam riscos, já que apresentam resultados incertos, mas também se tem conhecimento sobre as probabilidades (MACEDO; DANTAS; OLIVEIRA, 2012).

Nesse sentido, Macedo, Dantas e Oliveira (2012) trazem que o ser humano possui dois limites que influenciam no processo decisório: a emoção, que é capaz de destruir o autocontrole necessário à tomada racional de decisões, e a falta de entendimento pleno em relação ao que se está lidando.

Ademais, Kich et al. (2018) afirmam que o hábito e as interpretações restritivas originam o comportamento humano. Assim, os vieses comportamentais influenciam o homem. Há alguns autores que sustentam a existência de variados padrões de comportamento, chamados de vieses cognitivos, os quais conseguem distanciar os indivíduos do comportamento racional humano.

Em vista do fato de os indivíduos terem diferentes capacidades cognitivas e de a terem uma racionalidade limitada, ou seja, competências restritas, eles usam de atalhos mentais, isto é, de heurísticas, para tomarem decisões. Assim, os agentes, ao usarem regras práticas, processam informações rapidamente, o que pode causar desvios na decisão final, permitindo a existência de vieses comportamentais (FAVERI; KNUPP, 2018).

Em síntese, diante de um cenário socioeconômico interativo e direcionado por evidências empíricas e pressupostos psicológicos, a Teoria dos Prospectos foi estabelecida, defendendo a presença de vieses comportamentais que influem no processo decisório dos indivíduos, indo de encontro aos pressupostos da racionalidade ilimitada. Assim, as emoções e a falta de conhecimento induzem a práticas não racionais. Desse modo, pode-se notar que o comportamento financeiro não é racional, e que ele varia conforme as emoções ou as noções adquiridas e estabelecidas durante a vida. Dessa maneira, percebe-se que é relevante analisar se aspectos socioeconômicos e se experiências em ambientes acadêmicos diferentes influem nas percepções dos indivíduos.

2.2. VARIÁVEIS DO COMPORTAMENTO FINANCEIRO

2.2.1. Planejamento Financeiro

Silva, Paixão e Mota (2014) expõem que o planejamento financeiro define a forma pela qual as metas financeiras devem ser alcançadas, além de descrever diversos cenários de evolução futura, partindo dos piores e avançando até os melhores, tornando visível e examinável as múltiplas possibilidades de investimento e financiamento.

Fazer um planejamento financeiro pessoal quer dizer definir e manter uma estratégia acertada, precisa e controlada para curto, médio ou longo prazo, a fim de reservar bens e valores que constituirão o patrimônio de uma pessoa física ou de sua família. Ademais, essa prática possibilita a realização de desejos como o de parar de trabalhar e estudar no exterior, buscar um emprego com melhores condições sem estar dependente financeiramente do atual, viajar nas férias, entre outros planos (AGUIAR JUNIOR, 2013).

Nesse contexto, Calovi (2017) afirma que o estudante universitário, por estar iniciando sua carreira profissional e por não ter garantias de poder contar com o Sistema de Previdência Social no futuro, deve se preocupar com o planejamento de reservas. Todavia, nota-se que a complexidade de organizar a gestão financeira pessoal atual tornam os planos para o futuro menos relevantes.

Dito isso, o planejamento financeiro deve ser viável, já que os planos precisam se conectar com o objetivo geral de maximização da riqueza, e precisa identificar o que pode vir

a acontecer no futuro no caso da ocorrência de certos eventos, evitando, assim, surpresas. Nesse sentido, o planejamento financeiro se inicia com a elaboração do orçamento e, seguidamente, com o fluxo de caixa, demonstração a qual as receitas e as despesas do período são registradas, reforçando a regra básica que direciona o plano pessoal, que é não gastar além do que se ganha (SILVA; PAIXÃO; MOTA, 2014).

Desse modo, na realização do planejamento financeiro pessoal, a primeira etapa é planejar seu dinheiro. É necessário compreender o máximo possível sobre o que se pode gastar hoje sem afetar esse padrão de vida no futuro, tomando decisões para se viver bem o presente, ainda que seja preciso adiar o sonho de comprar certo apartamento ou carro mais confortável. É, por exemplo, escolher pagar aluguel por mais tempo ao invés de fazer um financiamento pesado, a fim de permitir a formação de uma poupança (AGUIAR JUNIOR, 2013).

Assim sendo, como pontos indispensáveis para o sucesso do planejamento financeiro, tem-se o controle, a flexibilidade, o realismo, a comunicação eficaz, a orientação para objetivos, a contabilidade por área de responsabilidade, a adaptação, e o envolvimento. Este último, que é considerado o fundamento de todo o processo pelo fato de o indivíduo precisar estar engajado com o que se propôs começar, origina os demais itens, finalizando com o controle do planejamento proposto (CALOVI, 2017).

Outrossim, é apresentado no estudo de Aguiar Junior (2013) que, para se desenvolver um planejamento financeiro eficiente, deve-se controlar gastos, definir metas, regular os investimentos, preparar-se para as atualizações da inflação e para as alterações de renda, além de conseguir administrar o que se possui. Além disso, é mostrado um cronograma a ser feito, respectivamente, pela determinação da situação financeira atual, pela definição dos objetivos, pela criação de metas de curto prazo para cada objetivo, pela avaliação e estudo de maneiras de alcançar as metas, pela prática do plano de ação e pela revisão das estratégias.

Além disso, Aguiar Junior (2013) expõe que o planejamento financeiro é o processo de gerenciamento do dinheiro que visa alcançar a satisfação pessoal, possibilitando o controle da situação financeira para suprir necessidades e atingir objetivos, assim como para controlar sua própria vida. Além disso, são apresentados a programação do orçamento, a racionalização de gastos e a otimização de investimentos como passos para colocar em prática esse processo.

Nesse sentido, a gestão eficaz do planejamento financeiro depende de fatores como: disciplina, foco, flexibilidade, força de vontade, autocontrole e autoconhecimento, além do entendimento da razão para a adoção de determinado modelo. Esses pontos são fundamentais, principalmente porque a vontade de gastar é inevitável quando a pessoa se encontra em uma situação financeira de conforto (CALOVI, 2017).

Assim, para que o indivíduo alcance suas metas financeiras e, portanto, tenha um comportamento financeiro adequado, é necessário que ele faça um planejamento financeiro pessoal viável, deixando visíveis as possibilidades de ação relativas a investimentos e financiamentos. Também, é notório que um bom comportamento financeiro é refletido pelo gerenciamento eficaz dos recursos financeiros e pela prática de não se gastar mais do que se ganha, fatores que são possibilitados por um planejamento financeiro adequado, ou seja, permite-se a construção de um cenário em que as necessidades são supridas e os objetivos atingidos.

2.2.2. Poupança e Investimento

O estudo de Lima (2023) traz que a cultura brasileira, assim como a oferta por parte do governo de segurança assistencial trabalhista e previdenciária, incentiva o comportamento de não guardar dinheiro para possíveis emergências. Desse modo, a maioria das pessoas se sente segura, não se preocupando em poupar para o futuro.

Contudo, Melo (2016) recomenda ter-se o ato de poupar como um hábito, já que ter reservas financeiras é importante para a realização de sonhos, para estar preparado em situações adversas e para possuir uma vida mais tranquila, tanto atualmente, quanto na aposentadoria.

Desse modo, para que a ação de poupar seja algo corriqueiro na vida financeira dos indivíduos, é necessário que o tema de educação financeira, que diz respeito a teoria, bem como o de planejamento financeiro, relativo à prática, sejam tratados (CALOVI, 2017).

Dito isso, Lima (2023) evidencia que, assim como a renda e os hábitos individuais, o conhecimento de educação financeira interfere de forma direta nas decisões de poupança das pessoas, além de influir nas escolhas referentes aos investimentos.

Nesse sentido, para se ter bem-estar financeiro pessoal e/ou familiar, conhecer e ser capaz de poupar e aplicar essas poupanças são pontos fundamentais. A poupança é um indispensável ponto de estudo em conhecimentos financeiros individuais e, desse modo, os indivíduos, ao conseguirem poupar, devem investir em poupança. Destarte, nota-se que é fundamental que se tenha conhecimentos acerca do mercado financeiro, já que ele é o impulsionador primordial da realização de poupanças e de investimentos (ALVES, 2012).

Segundo Lima (2023), a poupança é o rendimento não gasto imediatamente em consumo que será usado no futuro, ou seja, é o recurso financeiro salvo depois das despesas de consumo sobre a receita adquirida. Sendo assim, o ato de poupar se define pela abdicção de consumo no presente para se consumir no futuro.

Outrossim, para Alves (2012), a poupança é, em termos conceituais, a diferença entre o rendimento disponível, ou seja, aquele depois dos impostos e encargos, e os gastos de consumo, tendo como resultado um valor positivo. Quando apresenta um negativo, se enquadra como endividamento.

Dito isso, a poupança é, de forma direta, dependente dos rendimentos e das despesas. Quando convertida em investimento, a poupança das famílias e das empresas se tornam recursos indispensáveis para o desenvolvimento da economia nacional (LIMA, 2023).

Nesse contexto, Alves (2012) define o investimento como a aplicação de recursos, usualmente dinheiro, visando obter um rendimento, o qual corresponde aos fluxos financeiros produzidos por esse investimento durante um certo período. Dentre os rendimentos mais comuns, tem-se: juros, dividendos e mais-valias. Destarte, o investimento não passa de uma estratégia financeira de aplicação de poupanças objetivando uma rentabilização.

Nesse sentido, Melo (2016) afirma que é necessário ser criterioso na hora de escolher os investimentos, destacando que se deve analisar a liquidez, a segurança e a rentabilidade de cada investimento, e priorizar aquele que for mais relevante no momento. Ainda, esse autor enfatiza que não se pode ter todos esses fatores ao mesmo tempo.

As escolhas de investimentos são simples, mas de difícil acesso à população em geral. Dessa maneira, percebe-se a relação entre as escolhas de investimento e o nível de conhecimento financeiro, sendo visível que aqueles com menos conhecimentos sobre finanças têm menos chances de investir em ações. Outrossim, o conhecimento limitado sobre investimentos, crédito ou aproveitamento do sistema bancário existente em indivíduos de baixa renda ou de níveis educacionais baixos pode ocasionar uma significativa pressão sobre suas famílias e suas finanças pessoais (LIMA, 2023).

Melo (2016) aconselha que, todos os meses, parte do salário seja separado para investir em aplicações. O autor também propõe a leitura das aplicações financeiras, observando as taxas, tarifas, custos de transação, impostos e rentabilidade que envolvem os investimentos, o que facilitará no planejamento futuro e evitará situações inesperadas.

Lima (2023) traz que, ao investir, é necessário saber o que o mercado disponibiliza de produtos financeiros, além de destacar os perfis e os critérios para a tomada de decisão no momento de aplicação do recurso. A Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiros e de Capitais (ANBIDA) apresenta um portal de Como Investir que classifica os principais tipos de investimentos disponíveis no mercado e suas características, visando entregar aos investidores informações e orientações relativas a melhor tomada de decisão.

Além do mais, é evidenciado no estudo de Melo (2016) que o autoconhecimento permite o conhecimento sobre seu próprio perfil de investidor, seja ele mais conservador, moderado ou agressivo, facilitando na hora de fazer escolhas financeiras.

Outrossim, a poupança é o produto financeiro mais procurado, em vista de ser o meio mais tradicional usado e de ter fácil aplicação por quem deseja guardar dinheiro. Assim, é comum que algumas pessoas que o usam acreditem que para investir nos outros produtos financeiros, é preciso ter muito dinheiro ou ter um elevado conhecimento financeiro. Dentre os investimentos existentes no mercado, têm-se a caderneta de poupança, os títulos públicos: Tesouro Selic, Tesouro prefixado e Tesouro IPCA+, os títulos privados: LCI, LCA, CDB, debêntures e COE, os fundos de investimentos, a previdência social e as ações. Todavia, mesmo com a presença de variadas maneiras de investimento, a poupança continua sendo o mais usado (LIMA, 2023).

Desse modo, observa-se que a educação financeira e o planejamento financeiro são importantes para tornar o ato de poupar um hábito. Além disso, fica perceptível a necessidade de fazer poupanças e aplicações de recursos financeiros para se ter um comportamento financeiro saudável e, portanto, garantir o bem-estar financeiro pessoal. Ademais, percebe-se que, apesar da poupança ser o produto financeiro mais utilizado, existem outras formas de investimento que podem ser mais benéficas, que devem ser consideradas e analisadas quanto a critérios de liquidez, rentabilidade e segurança.

2.2.3. Endividamento

É consentido que as ações em relação a dívida se modificaram de forma radical durante o século XX, saindo de um cenário de aversão ao endividamento para um contexto moderno de consumo em que se endividar é algo bem aceito, evidenciando uma crescente “cultura de endividamento” (OLIVEIRA, 2016).

Em um contexto capitalista e de consumismo desenfreado, as pessoas têm a sensação de controle sobre suas próprias vidas, de liberdade econômica, de autoconfiança e de responsabilidade. Assim, um dos pontos que pode influenciar o indivíduo a se endividar é a aceitação social, já que a valorização pessoal é notada conforme a credibilidade que o consumidor tem perante o mercado, o diferenciando dos demais (AGUIAR JUNIOR, 2013).

Dessa forma, é apresentado o conceito de dívida no estudo de Bonomo, Mainardes e Laurett (2017), o qual é definido como resultado de um contrato entre credores e devedores que estabelece todos os valores, prazos, obrigações e débitos entre si. Atualmente, diversos pesquisadores vêm estudando o relevante tema do endividamento pessoal e trazem estes tópicos

como principais pontos para explicar a dívida: etnia, gênero, nível de escolaridade, quantidade de cartões de crédito, histórico familiar, entre outros.

Dito isso, Justen e Teixeira (2020) afirmam que, por conta dos benefícios ofertados por inúmeras instituições financeiras quanto a liberação de créditos e incentivos financeiros aos estudantes universitários, os discentes, considerando apenas as possíveis vantagens, são atraídos e convencidos a aderir os planos de crédito. Todavia, algo que acaba sendo desconsiderado é que o mau uso desse crédito pode causar um endividamento precoce e desnecessário. Assim, o comportamento consumidor e as atitudes desse grupo com o dinheiro podem explicar o grau de endividamento deles.

Nesse sentido, o estudo de Aguiar Junior (2013) traz que o fato de os jovens gastarem além do possível, precipuamente com os gastos em excesso com a educação, é algo previsto pela maioria das pessoas. Nesse cenário em que se há uma facilidade de crédito, incentivado por investimentos bancários, os consumidores escolhem fazer o financiamento de suas aquisições do que as adquirir à vista. Todavia, esse autor afirma que antes de se compromissar a adquirir algo, os indivíduos precisam verificar se a compra desse bem é, de fato, necessária, já que o endividamento é resultado de um descontrole financeiro.

Na realidade brasileira atual, tudo o que se deseja consumir pode ser financiado de alguma maneira, fato que aumenta o percentual de brasileiros endividados. Outrossim, essa população é acostumada a realizar compras a crédito, o que dá a possibilidade de aquisição de bens com valores maiores, o que compromete um pedaço do rendimento pessoal no pagamento da dívida. Esse fato, além de influir nas decisões das pessoas, também pode gerar inadimplência em determinadas situações, como no desemprego. Nesse sentido, pode-se constatar novamente que quanto maior a acessibilidade de crédito, também serão maiores as chances de se fazer dívidas (JUSTEN; TEIXEIRA, 2020).

Nesse contexto, Aguiar Junior (2013) expressa que, em uma sociedade na qual o consumo está em primeiro lugar, é relevante que se tenha equilíbrio ao fazer gastos para não acarretar problemas nas finanças pessoais, como a obtenção de dívidas e o registro negativado no sistema de crédito. Dito isso, essas consequências podem conduzir a uma queda na qualidade de vida dos jovens, podendo implicar em sintomas, como os de depressão, insônia, doenças do coração, entre outros. Nesse sentido, percebe-se que o esforço concentrado para se ter controle das finanças pessoais é necessário.

Outrossim, a literatura percebeu que existe uma ligação significativa entre o endividamento e as atitudes tolerantes para com ele. Nesse sentido, a contração de dívidas se deve não só a questões econômicas, mas também a variáveis psicológicas e sociais, assim como

os aspectos demográficos. Quanto a esses últimos aspectos, o gênero tem sido um ponto relacionado ao endividamento, sendo que, houve estudos que verificaram que estudantes do sexo masculino têm maior probabilidade de contrair dívidas que o sexo feminino, apesar de ter tido outros que não viram relação dessa variável com as atitudes para com a dívida (OLIVEIRA, 2016).

Já no estudo de Justin e Teixeira (2020), foi encontrado na literatura que o termo endividamento encontra diferentes representações sociais para cada gênero, sendo que, para mulheres, ele se relaciona com questões comportamentais, como compras, consumismo, falta de controle, falta de planejamento e, por último, vergonha, e, para os homens, se liga com gastos, dívidas, limitações financeiras e, por fim, irresponsabilidade e incapacidade. Todavia, apesar de eles terem evidenciado alguns autores que encontraram que o gênero feminino é mais propenso a se endividar que o gênero masculino, sendo explicado especialmente por esse grupo apresentar elevada predisposição ao consumo, não foram encontradas no estudo desses autores diferenças significativas em termos de grau de endividamento e comportamento consumidor.

Já em relação a influência da idade, tiveram estudos que perceberam que indivíduos de uma faixa etária mais avançada tendem a se endividar menos que os de menor faixa, indo ao encontro da teoria do ciclo de vida, a qual afirma que as pessoas delineiam seus comportamentos financeiros para o futuro tentando prosseguir com um modo de consumo regular (OLIVEIRA, 2016).

Dito isso, Bonomo, Mainardes, Laurett (2017) também afirmam que o endividamento pessoal engloba teorias como a do ciclo de vida e a da hipótese da renda permanente, as quais pregam a racionalidade do consumidor, assim como o aumento gradativo da renda ao longo do tempo, perpassando, primeiramente, por um período de renda limitada e depois um acúmulo de recursos financeiros na aposentadoria.

Desse modo, Oliveira (2016) também traz que a contração de dívidas é feita em uma fase inicial por parte dos jovens adultos, os quais, quando mais velhos, liquidarão essas dívidas e constituirão poupanças.

Ademais, corroborando com essa ideia, Lima (2023) traz que jovens costumam gastar e fazer empréstimos com mais frequência porque têm renda menor, mas possuem expectativas de receberem mais futuramente.

Todavia, o estudo de Ferreira (2017), que possuía estudantes de uma IES pública como amostra, indicou que os discentes, em sua maioria, encontravam-se pouco endividados.

Nota-se que o nível de rendimento influi nas atitudes para com o endividamento, sendo exposto que quem tem uma renda mais elevada tende a possuir atitudes mais favoráveis para com o crédito. Isso é justificado pelo fato de a pessoa no início de sua carreira profissional estar mais propenso a contrair empréstimos e, por consequência, com uma atitude mais positiva em relação ao crédito, pois terá maiores recursos financeiros disponíveis no futuro. Nessa mesma linha, é defendido que indivíduos com maior renda recorrem a dívidas de maior montante, já que têm menor restrição ao crédito e, ao mesmo tempo, são mais capazes de findar suas obrigações. Todavia, a literatura também traz que os indivíduos endividados têm renda mais baixa se comparado com os não endividados, pelo fato daqueles e de suas famílias sentirem maior dificuldade financeira. Há também estudos que não encontraram relação entre o endividamento e a renda (OLIVEIRA, 2016).

Contudo, independentemente se o rendimento é alto ou baixo, Contani, Abreu e Reis (2022) trazem que, para evitar o comprometimento da renda mensal, deve-se fazer a contratação de crédito de forma criteriosa, analisando as necessidades de aquisição previamente ao uso desse crédito, já que, ao assumir uma obrigação, as pessoas estão sujeitas a ficarem endividadas, seja por falta de controle ou esquecimento.

Quanto ao agregado familiar, no estudo de Oliveira (2016), é posto que pode haver uma relação negativa entre essa variável e o nível de endividamento, o que se justificaria pelas famílias com mais filhos se responsabilizarem mais na gestão do seu orçamento, de forma a não recorrerem a empréstimos sucessivos para satisfazerem suas necessidades constantes. Todavia, também foi apresentado que as famílias grandes têm mais carências para se suprir, o que pode favorecer o endividamento dos membros desses núcleos familiares extensos.

Nesse sentido, o endividamento pode reduzir o equilíbrio emocional e a qualidade de vida das pessoas. Para evitá-lo, o planejamento de finanças pessoais é necessário para a organização e para a definição das receitas disponíveis para os gastos necessários ou desejados. Se a qualidade de vida pode ser caracterizada pela felicidade e pelo bem-estar próprio, o endividamento ocasionado pela ausência de gestão das finanças pessoais pode trazer infelicidade, prendendo o indivíduo a suas dívidas, distanciando-o do bem-estar (CALOVI, 2017).

Outrossim, Aguiar Junior (2013) destaca que o endividamento é consciente ao ser assumido na antecipação da compra de um bem de valor. Ademais, ao se conhecer pouco sobre finanças, o indivíduo pode sofrer para controlá-las.

Nesse contexto, a educação financeira é uma forma de evitar a inadimplência, uma vez que a organização de gastos facilita no controle financeiro. A quantidade de endividados vem crescendo pela incapacidade deles de honrar dívidas com credores, ou seja, há, cada vez mais, pessoas que são impedidas de realizar certas compras em vista da restrição no CPF. Desse modo, esses indivíduos acabam sendo vistos como mal pagadores pela sociedade, o que pode afetar no estado psicológico deles (CONTANI; ABREU; REIS, 2022).

Nesse sentido, a literatura traz que a dívida pessoal precisa ser abordada de forma interdisciplinar, incluindo campos não só da economia tradicional, mas também das ciências sociais, levando em conta fatores psicológicos e sociológicos, valores, atitudes, normas sociais e modelos de ciclo de vida. Destaca-se também que aspectos financeiros, situacionais e psicológicos afetam no uso da renda e na aquisição de dívidas (BONOMO; MAINARDES; LAURETT, 2017).

Assim, fica evidente que são inúmeros os fatores que influenciam na contração de dívidas, sendo destacados não só aspectos econômicos e demográficos, mas também pontos psicológicos e sociais. Dessarte, como um comportamento financeiro adequado, deve-se analisar criteriosamente as necessidades de aquisição antes de fazer uso de créditos, para, dessa maneira, evitar endividamento.

3. METODOLOGIA

3.1. PERFIL DA AMOSTRA

A amostra corresponde a estudantes de graduação da IES particular UniCEUB e da IES pública UnB, ambas as instituições localizadas em Brasília/DF.

Por se tratar de uma pesquisa exploratória e, portanto, não ter como finalidade representar a realidade de todos os estudantes dessas Instituições, o tipo de amostragem escolhido foi a amostragem por acessibilidade e conveniência, ou seja, aquela em que o pesquisador seleciona a amostra que está acessível e admite que esta pode representar um universo, não havendo qualquer rigor estatístico. Diante disso, essa pesquisa, por ser de conveniência, não pode ter seus resultados extrapolados para a população (MAROTTI et al., 2008).

Foi aplicado um questionário online adaptado de Potrich, Vieira e Kirch (2015), elaborado no Google Forms (Apêndice 1), que ficou aberto para o recebimento das respostas a partir do dia 23 de abril até o dia 07 de junho de 2024.

Foram usadas as plataformas WhatsApp e Microsoft Teams para propagar o questionário online com a amostra. Todavia, para se conseguir um número representativo de respondentes, foi preciso o compartilhamento de modo presencial nas Universidades, por meio da disponibilização do questionário via QR Codes.

No UniCEUB, os alunos foram abordados com os QR Codes em diferentes pontos dessa instituição, isto é, em locais em que os estudantes costumam se agrupar entre aulas. Já na UnB, a intervenção presencial ocorreu pelos corredores e pelas salas de aula do Pavilhão Anísio Teixeira, sendo perguntado aos professores se seria possível fazer a distribuição dos códigos de acesso ao questionário em algum momento da aula. Apesar de ter sido compartilhado nas salas desse pavilhão, o número de respondentes foi comprometido devido à greve dos servidores técnico-administrativos em educação, incluindo professores, iniciada no primeiro semestre de 2024.

Para confirmar a autenticidade dos respondentes eram mesmo das respectivas Instituições de Ensino Superior, foi pedido no questionário o número da matrícula, assim como o e-mail institucional. Desse modo, teve-se como critério de exclusão o preenchimento indevido desses tópicos, como, por exemplo, o número de matrícula ser diferente do padrão da instituição ou ter sido colocado outro e-mail que não o institucional, sendo @sempreceub.com e

@aluno.unb.br referentes, respectivamente, ao padrão de e-mail dos estudantes do UniCEUB e da UnB.

Ademais, o questionário apresentou perguntas relativas: (1) ao perfil do respondente, que corresponde às informações sobre nome, instituição, e-mail, matrícula, curso de graduação, ano de ingresso no curso, gênero, estado civil, dependentes, ocupação, idade, escolaridade, escolaridade dos pais, renda própria e renda familiar; e (2) ao comportamento financeiro do respondente, apresentando questões de controles de gastos, reserva financeira, objetivos financeiros, endividamento, poupança e investimentos.

Essa segunda parte do questionário foi composta por questões objetivas, utilizando a escala tipo Likert de 5 pontos, ou seja, com 5 possibilidades de resposta, variando entre as seguintes possibilidades: Concordo Totalmente, Concordo Parcialmente, Indiferente, Discordo Parcialmente e Discordo Totalmente. A escolha pela escala de 5 pontos foi motivada, por a escala de 3 pontos, apesar de mais simples e rápida, não passa a mesma confiabilidade, além de ser menos precisa ao apresentar a opinião do entrevistado. A escala de 7 pontos, por sua vez, é mais complexa e menos veloz, assim como apresenta, em média, a mesma precisão de uma escala de 5 pontos. Desse modo, nota-se que a escala de 5 pontos é mais adequada (DALMORO; VIEIRA, 2013).

Em todas as questões em que foi usada a escala de Likert, a resposta concordo totalmente representava o melhor comportamento financeiro, enquanto o discordo totalmente refletia o comportamento menos adequado, com exceção das perguntas 10 e 11, as quais demonstravam o sentido contrário, isto é, o discordo totalmente se enquadrando em um comportamento favorável e o de concordância total em um desfavorável.

Outrossim, em relação aos aspectos éticos, o questionário só pôde ser respondido mediante a aceitação da participação da pesquisa. Ademais, como foi destacado para os respondentes, todos os dados coletados do questionário para esse estudo têm caráter confidencial, tendo os resultados apresentados de forma agregada, portanto, não tendo a exposição de qualquer um dos participantes.

3.2. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Após a coleta, os dados foram organizados, calculados e analisados utilizando o app Planilhas do Google Workspace.

Para a separação do número de estudantes por Instituição, por ocupação, por gênero, por estado civil e por área do conhecimento, foi usada a Distribuição de Frequências de uma Variável Nominal. Já para ver a frequência das respostas relativas ao ano de ingresso, renda própria, renda familiar, dependentes e comportamento financeiro, foi utilizada a Distribuição de Frequências de uma Variável Qualitativa Ordinal (SICSÚ; DANA, 2012).

Para avaliar se o comportamento financeiro dos estudantes foi majoritariamente positivo ou negativo, foram somados os percentuais das respostas de “Concordo Totalmente” e “Concordo Parcialmente” e comparados com a soma dos de “Discordo Totalmente” e “Discordo Parcialmente”. Foi percebido como um comportamento financeiro positivo quando as percentagens de concordância eram maiores que as de discordância, com exceção das perguntas 10 e 11, em que valores de discordância superiores refletiam um comportamento favorável.

Outrossim, foi utilizado o Coeficiente de Correlação Linear de Pearson, o qual mede o grau de associação entre duas variáveis quantitativas, para ver se há alguma relação significativa entre o comportamento financeiro dos estudantes e a Instituição de Ensino Superior que eles fazem parte. Para isso, foi necessário numerar as instituições, sendo a UnB representada por (1) e o UniCEUB por (2), e as respostas, sendo “Concordo Totalmente” representando o valor (5), o “Concordo Parcialmente” por (4), “Indiferente” por (3), “Discordo Parcialmente” por (2) e “Discordo Totalmente” por (1), exceto as perguntas 10 e 11, que tiveram as pontuações de concordância invertidas.

Desse modo, se a correlação for negativa, será percebido que a UnB apresenta mais estudantes com comportamentos financeiros favoráveis, e, quando positiva, será observado que o UniCEUB tem mais discentes que se comportam bem financeiramente.

A fórmula do Coeficiente de Correlação Linear de Pearson, trazida no livro de Sicsú e Dana (2012), é:

$$r = \frac{\left[\frac{\sum_i (x_i - \bar{x})(y_i - \bar{y})}{n} \right]}{dp(x) \times dp(y)}$$

Contudo, nesse trabalho, o cálculo desse Coeficiente de Correlação foi feito por meio da fórmula “=CORREL(dados_y; dados_x)” do aplicativo Planilhas do Google.

Esse coeficiente assume valores entre -1 e 1. Quando ele equivale a 1, a correlação é positiva perfeita, ou seja, quando o valor de uma das variáveis sobe, a da outra variável cresce

junto. Quando é -1, a correlação é negativa perfeita, apresentando um cenário em que se uma variante aumentar, a outra diminui. Quando ele é 0, a correlação é nula, isto é, as mudanças de uma variável não estão ligadas de forma linear com as alterações da outra variável. Todavia, encontrar esses valores na prática é algo bem raro, sendo mais comum encontrar valores entre os limites -1 e 1.

Quanto à magnitude desse coeficiente, como alguns autores defendem que valores entre 0 e 0,3 ou entre 0 e -0,3 representam uma correlação fraca, entre 0,3 e 0,7 ou -0,3 e -0,7 correspondem a uma correlação moderada, e entre 0,7 e 1 ou -1 e -0,7 equivalem a uma correlação forte, essa foi a classificação utilizada nesse trabalho para definir o grau de significância da correlação (SICSÚ; DANA, 2012)

O Coeficiente de Correlação Linear de Pearson também foi calculado para encontrar a correlação entre a Instituição de Ensino e a renda familiar dos estudantes, assim como a correlação entre a renda familiar e as últimas escolaridades completas da mãe e do pai. Para a renda familiar, foi utilizada a renda de até R\$ 2.100,00 como (1), a renda entre R\$ 2.100,01 e R\$ 7.000,00 como (2), a entre R\$ 7.000,01 e R\$ 14.000,00 como (3) e a maior que 14.000,00 como (4). Usou-se a mesma numeração para as Instituições, (1) para a UnB e (2) para o UniCEUB, ou seja, se esse coeficiente for positivo, mostrará que o UniCEUB tem renda familiar maior que a da UnB, e, se negativo, que aquele tem renda menor que esta.

Quanto à última escolaridade completa dos pais, o (0) representou a não alfabetização ou quando o estudante desconhecia a escolaridade do pai ou da mãe, o (1) o Ensino Fundamental como a última escolaridade, o (2) o Ensino Médio, o (3) o Ensino Superior ou algum curso técnico, e o (4) ter feito alguma especialização, MBA, Mestrado, Doutorado ou Pós-Doutorado. Dessa forma, se o coeficiente de correlação for positivo, corresponderá que quanto maior a escolaridade, maior a renda familiar, e, se negativo, à medida que a escolaridade aumentar, menor será a renda familiar.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. ANÁLISE DA AMOSTRA

Foram obtidas 249 respostas, mas, devido aos critérios de exclusão mencionados anteriormente, foram utilizadas para cálculo e análise apenas as de 238 discentes. Como é mostrado na Tabela 1, dentre as respostas, 120 (50,42%) eram de estudantes da UnB e 118 (49,58%) de estudantes do UniCEUB, apresentando uma quantidade muito próxima de estudantes de cada instituição.

A Tabela 1 consta que, quanto à ocupação, 55,88% dos estudantes declaram só estudar, enquanto 44,12% deles afirmaram estudar e trabalhar, apresentando um cenário em que a maioria ainda não entrou no mercado de trabalho.

Dito isso, ao verificar a renda própria e a familiar dos respondentes, 45,38% dos estudantes declararam não ter renda própria e esse mesmo valor percentual de discentes afirmou ganhar até R\$ 2.100,00, sobrando apenas 9,24% que ganham mais que esse valor. Isso mostra que quase metade dos estudantes não tem renda própria e, boa parte dos que tem apresenta uma renda mais baixa, já que estão iniciando sua carreira profissional. Já em relação a renda familiar, a maioria delas (68,49%) se concentra em um valor maior que R\$ 7.000,00 e menos de 10% dessas rendas (9,24%) são de até R\$ 2.100,00, dado que explica o grande número de estudantes desempregados, em vista de eles terem familiares que ganham bem para sustentar os estudos dos discentes.

Em relação a ter dependentes, a Tabela 1 apresenta que 92,44% afirmaram não os possuir, 3,36% têm apenas 1 e 4,20% apresentam 2 ou mais filhos. Já o estado civil dos respondentes correspondeu a: 230 solteiros (96,64%), 5 em união estável (2,10%), 2 casados (0,84%) e 1 divorciado (0,42%).

Além disso, também é evidenciado na Tabela 1 que, em relação às idades, 109 discentes (45,80%) apresentavam entre 17 e 20 anos, 104 (43,70%) entre 21 e 24 anos, 18 (7,56%) entre 25 e 28 anos e 7 (2,94%) de 29 a 49 anos, mostrando a predominância de jovens no contexto universitário. Ademais, a amostra incluiu 124 estudantes do gênero feminino (52,10%), 109 do masculino (45,80%), 3 do não binário (1,26%), 1 do gênero fluido (0,42%) e 1 do trans feminino (0,42%).

Quanto ao ano de ingresso na IES, a Tabela 1 apresenta que 53 estudantes (22,27%) entraram entre os anos 2016 e 2020, 46 (19,33%) ingressaram em 2021, 54 (22,69%) em 2022, 55 (23,11%) em 2023 e 30 (12,61%) em 2024.

Ainda ao observar a Tabela 1, a maioria dos estudantes afirmou ter o Ensino Médio Completo como a última escolaridade concluída, apresentando apenas 28 estudantes que já tinham o Ensino Superior Completo ou tinham feito algum Curso Técnico, além de apresentar somente 4 que finalizaram alguma Especialização ou MBA ou Mestrado ou Doutorado ou Pós-Doutorado. Quanto a escolaridade da mãe e do pai, a maioria deles, 73,11% e 64,29% respectivamente, havia completado pelo menos um curso de Nível Superior ou Curso Técnico.

Tabela 1 - Perfil da Amostra

Instituição	UnB	UniCEUB				Total		
n	120	118				238		
%	50,42%	49,58%				100,00%		
Ocupação	Só Estuda	Trabalha e Estuda				Total		
n	133	105				238		
%	55,88%	44,12%				100,00%		
Dependentes	Não tem	Tem apenas 1	Tem 2 ou +			Total		
n	220	8	10			238		
%	92,44%	3,36%	4,20%			100,00%		
Renda Própria	Sem renda própria	Até R\$ 2.100,00	Entre R\$ 2.100,01 e R\$ 7.000,00	Mais de R\$ 7.000,00			Total	
n	108	108	17	5			238	
%	45,38%	45,38%	7,14%	2,10%			100,00%	
Renda Familiar	Até R\$ 2.100,00	Entre R\$ 2.100,01 e R\$ 7.000,00	Entre R\$ 7.000,01 e R\$ 14.000,00	+ de R\$ 14.000			Total	
n	22	53	65	98			238	
%	9,24%	22,27%	27,31%	41,18%			100,00%	
Estado Civil	Solteiro	União Estável	Casado	Divorciado			Total	
n	230	5	2	1			238	
%	96,64%	2,10%	0,84%	0,42%			100,00%	
Idade	17 - 20 anos	21 - 24	25 - 28	29 - 49			Total	
n	109	104	18	7			238	
%	45,80%	43,70%	7,56%	2,94%			100,00%	
Gênero	Feminino	Masculino	Não Binário	Gênero Fluido	Trans Feminino			Total
n	124	109	3	1	1			238
%	52,10%	45,80%	1,26%	0,42%	0,42%			100,00%

Ano de Ingresso	Entre 2016 e 2020	Apenas 2021	Apenas 2022	Apenas 2023	Apenas 2024	Total
n	53	46	54	55	30	238
%	22,27%	19,33%	22,69%	23,11%	12,61%	100,00%

Escolaridade do Estudante	Não alfabetizado	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior ou Curso Técnico	Especialização/ MBA/ Mestrado/ Doutorado/ Pós-Doutorado	Total
n	0	2	204	28	4	238
%	0,00%	0,84%	85,71%	11,76%	1,68%	100,00%

Escolaridade da Mãe	Não alfabetizado/ desconhecido	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior ou Curso Técnico	Especialização/ MBA/ Mestrado/ Doutorado/ Pós-Doutorado	Total
n	3	16	45	105	69	238
%	1,26%	6,72%	18,91%	44,12%	28,99%	100,00%

Escolaridade do Pai	Não alfabetizado/ desconhecido	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior ou Curso Técnico	Especialização/ MBA/ Mestrado/ Doutorado/ Pós-Doutorado	Total
n	6	25	54	97	56	238
%	2,52%	10,50%	22,69%	40,76%	23,53%	100,00%

Fonte: Dados da Pesquisa

Além disso, foi observada uma correlação moderada entre a Renda Familiar e a Instituição de Ensino Superior ($0,3 < r < 0,7$), conforme é apresentado na Tabela 2. O coeficiente de correlação apresentou um número maior que zero, isto é, um valor positivo. Como a UnB foi numerada com (1) e o UniCEUB como (2), esse resultado que sugere que os estudantes do UniCEUB, Instituição de Ensino Superior particular, apresentam uma renda familiar superior que a dos estudantes da UnB, Instituição de Ensino Superior pública.

Outrossim, foi perceptível uma correlação moderada ($0,3 < r < 0,7$ ou $-0,3 > r > -0,7$) entre a renda familiar e a última escolaridade completa do pai e a da mãe, como é visto na Tabela 2. Desse modo, nota-se que a renda familiar cresce à medida que a escolaridade do pai e a da mãe aumentam.

O estudo de Campos et al. (2021) e o de Oliveira e Silva (2022) trouxeram que quanto maior o grau de escolaridade, melhor é sua situação financeira dos indivíduos. Nos estudos de Feijó, França e Pinho Neto (2022) e de Potrich, Vieira e Kirch (2015) também foi trazida a

relação positiva entre ter pais instruídos e os níveis de renda, indicando que quanto maior o nível de instrução, maior é a renda familiar.

Tabela 2 – Correlações com a Renda Familiar

Correlação entre renda familiar e:	
a Instituição de Ensino Superior*	0,4235349261
a última escolaridade completa do pai	0,373683365
a última escolaridade completa da mãe	0,3945423881

Fonte: Dados da Pesquisa. *UnB numerada como (1) e UniCEUB como (2) para o cálculo da correlação, ou seja, como a correlação foi positiva, o UniCEUB tem uma renda familiar maior.

A pesquisa incluiu discentes de diversos cursos, que foram separados nas seguintes áreas: (1) Ciências Sociais Aplicadas, (2) Ciências Biológicas e da Saúde, (3) Ciência e Tecnologia, (4) Linguística, Letras e Artes, (5) Engenharia, (6) Ciências Exatas, e (7) Ciências Humanas, como consta na Tabela 3.

As áreas de Ciências Sociais Aplicadas, de Ciências Biológicas e da Saúde e de Ciências da Tecnologia incluíram 109, 74 e 24 estudantes, representando, respectivamente, 45,80%, 31,09% e 10,08% da amostra. Os demais discentes afirmaram ser das áreas de Linguística, Letras e Artes (5,46%), de Engenharia (3,78%), de Ciências Exatas (2,52%) e de Ciências Humanas (1,26%), como é apresentado na Tabela 3.

Tabela 3 – Áreas do Conhecimento e Cursos

Áreas de Conhecimento	Cursos	n	%
Ciências Sociais Aplicadas	Administração	28	11,76%
	Publicidade e Propaganda	3	1,26%
	Jornalismo	2	0,84%
	Ciências Contábeis	19	7,98%
	Gestão de Políticas Públicas	1	0,42%
	Ciências Econômicas	15	6,30%
	Biblioteconomia	2	0,84%
	Direito	34	14,29%
	Arquitetura e Urbanismo	5	2,10%
	TOTAL	109	45,80%
Ciências Biológicas e da Saúde	Educação Física	23	9,66%
	Ciências Biológicas	1	0,42%
	Psicologia	17	7,14%

	Biomedicina	8	3,36%
	Medicina	9	3,78%
	Nutrição	4	1,68%
	Fisioterapia	3	1,26%
	Farmácia	7	2,94%
	Medicina Veterinária	1	0,42%
	Enfermagem	1	0,42%
	TOTAL	74	31,09%
Ciência e Tecnologia	Ciência de Dados	2	0,84%
	Ciência da Computação	16	6,72%
	Análise e Desenvolvimento de Sistemas	6	2,52%
	TOTAL	24	10,08%
Linguística, Letras e Artes	Design - Programação Visual	8	3,36%
	Letras - Português do Brasil como Segunda Língua	1	0,42%
	Letras - Língua Inglesa e Respectiva Literatura	1	0,42%
	Letras - Língua Francesa e Respectiva Literatura	3	1,26%
	TOTAL	13	5,46%
Engenharia	Engenharia da Computação	5	2,10%
	Engenharia Mecatrônica	3	1,26%
	Engenharia de Controle e Automação	1	0,42%
	TOTAL	9	3,78%
Ciências Exatas	Estatística	6	2,52%
	TOTAL	6	2,52%
Ciências Humanas	História	1	0,42%
	Geografia	2	0,84%
	TOTAL	3	1,26%
Todos os Estudantes	TOTAL GERAL	238	100,00%

Fonte: Dados da Pesquisa

4.2. ANÁLISE DO COMPORTAMENTO FINANCEIRO

Em 15 das 16 questões, o número de estudantes que cumprem um bom comportamento sempre ou na maioria das vezes superou o daqueles que têm um comportamento não adequado sempre ou em boa parte das vezes, como é observado na Tabela 4. Em apenas uma das questões (questão 16), a qual fazia parte do Bloco de Poupança e Investimentos e que tratava de o estudante possuir uma reserva financeira de acesso rápido 3 vezes maior que as suas despesas

mensais, que a maioria das respostas não foram favoráveis, tendo muitos discentes sem esse valor de reserva.

Todavia, pode-se especular que essa amostra, por ser majoritariamente mais jovem (entre 17 e 24 anos) e por, prevalentemente, não ter ingressado no mundo do trabalho ou ganhar valores baixos, como é apresentado na Tabela 1, e, conseqüentemente, não possuir uma autonomia financeira, talvez acredite ter bons hábitos, mas, na realidade, ainda não enfrentou ou precisou enfrentar dificuldades reais na administração de suas finanças.

Tabela 4 – Comportamento Financeiro dos Estudantes

Comportamento Financeiro dos Estudantes Dividido em Blocos							
BLOCO PLANEJAMENTO FINANCEIRO							
N	Perguntas sobre o Comportamento Financeiro	CT	CP	I	DP	DT	Comportamento Financeiro
1	Anoto e controlo os meus gastos pessoais (ex.: planilha de receitas e despesas mensais).	24,28%	34,16%	6,58%	20,99%	13,99%	Positivo
2	Comparo preços ao fazer uma compra.	59,67%	31,69%	5,35%	2,06%	1,23%	Positivo
4	Tenho um plano de gastos / orçamento.	24,28%	30,86%	16,05%	12,35%	16,46%	Positivo
5	Consigo identificar os custos que pago ao comprar um produto no crédito.	42,80%	25,10%	16,87%	7,82%	7,41%	Positivo
6	Eu geralmente alcanço os objetivos que determino ao gerenciar meu dinheiro.	28,40%	43,62%	11,52%	10,29%	6,17%	Positivo
7	Eu discuto com a minha família sobre como eu gasto o nosso dinheiro.	29,63%	20,99%	17,28%	14,81%	17,28%	Positivo
12	Eu analiso minhas contas antes de fazer uma compra grande.	65,02%	23,87%	6,58%	3,29%	1,23%	Positivo
BLOCO POUPANÇA E INVESTIMENTOS							
N	Perguntas sobre o Comportamento Financeiro	CT	CP	I	DP	DT	Comportamento Financeiro
3	Faço uma reserva do dinheiro que recebo mensalmente para uma necessidade futura.	48,15%	25,93%	8,23%	7,41%	10,29%	Positivo
9	Eu guardo parte da minha renda todo o mês.	37,04%	25,10%	13,17%	10,70%	13,99%	Positivo
14	Eu guardo dinheiro regularmente para atingir objetivos financeiros de longo prazo como, por exemplo, educação dos meus filhos, aquisição de uma casa, aposentadoria, etc.	27,16%	27,16%	15,64%	12,76%	17,28%	Positivo
15	Invisto o dinheiro que possuo (poupança, imóveis, etc)?	30,04%	25,10%	10,29%	9,05%	25,51%	Positivo
16	Possuo uma reserva financeira igual ou maior a 3 vezes as minhas despesas mensais, que possa ser resgatada rapidamente.	20,58%	12,35%	13,99%	17,70%	35,39%	Negativo
BLOCO ENDIVIDAMENTO							
N	Perguntas sobre o Comportamento Financeiro	CT	CP	I	DP	DT	Comportamento Financeiro

8	Pago minhas contas em dia.	68,72%	14,40%	11,52%	3,29%	2,06%	Positivo
10	Gasto o dinheiro antes de obtê-lo.	7,41%	18,93%	9,47%	21,40%	42,80%	Positivo
11	Frequentemente peço dinheiro emprestado para a família ou amigos para pagar as contas.	5,35%	11,52%	11,11%	18,93%	53,09%	Positivo
13	Eu evito comprar por impulso e utilizar as compras como uma forma de diversão.	33,33%	34,16%	8,23%	16,05%	8,23%	Positivo

Fonte: Dados da Pesquisa. CT: Concordo Totalmente, CP: Concordo Parcialmente, I: Indiferente, DP: Discordo Parcialmente, DT: Discordo Totalmente.

Dito isso, estudo de Leal, Santos e Costa (2020), afirma que as pesquisas que avaliam a percepção dos estudantes podem chegar a conclusões errôneas sobre a realidade do grau de educação financeira dos discentes.

Outrossim, o levantamento mensal da Serasa de abril de 2024 sobre a relação da população brasileira com as dívidas trouxe que os brasileiros com idade entre 41 e 60 anos representam o maior número de endividados (35,1%), seguidos pelos de faixa etária entre 26 e 40 anos (34%), depois pelos de mais de 60 anos e, por último, pelos jovens entre 18 e 25 anos. Esse dado colabora com esse estudo, mostrando que os mais novos são menos endividados, em vista de, possivelmente, terem ajuda financeira familiar.

Ademais, como mostrado na Tabela 5, foi percebido que em todas as perguntas, o coeficiente de correlação linear esteve muito próximo de zero, indicando uma correlação muito fraca ($-0,3 < r < 0,3$), isto é, que não apresenta relação significativa entre as variáveis de comportamento financeiro e a IES dos estudantes.

Nesse sentido, o estudo de Matsumoto et al. (2013) também evidenciou resultados muito próximos de Educação Financeira e de comportamento financeiro de universitários de uma IES particular do DF e de uma IES pública do Norte do Paraná.

Contudo, pode-se notar que, apesar de as correlações serem baixas, em todas as perguntas ligadas à poupança (itens 3, 9, 14, 15 e 16), os estudantes do UniCEUB obtiveram resultados mais favoráveis, enquanto que, em todas as de endividamento (8, 10, 11 e 13), os discentes da UnB tiveram melhores comportamentos. Nas questões relativas de planejamento, as duas instituições variaram na predominância de bons comportamentos: UnB (1, 2, 5, 6 e 12) e UniCEUB (4 e 7).

Dessa maneira, pode-se inferir que estudantes com maior renda familiar tendem a se comportar de forma menos adequada em relação ao endividamento, como fazerem compras por impulso ou por diversão, gastarem dinheiro antes de obtê-lo e pedirem ajuda a familiares e

amigos para pagar as contas, em vista de terem a possibilidade de recorrer a alguém para pagarem suas dívidas. Em contrapartida, no estudo de Lizote e Verdinelli (2014), que trazia estudantes de Ciências Contábeis como amostra, foi observado que aqueles que têm menor renda familiar são os que mais contraem dívidas.

Para mais, um dado que ratifica os resultados encontrados de comportamentos financeiros adequados em relação ao endividamento da IES pública é que, no estudo de Ferreira (2017), o qual apresentava estudantes da Universidade Federal de Uberlândia como amostra, embora tenha evidenciado que o nível de educação financeira dos alunos era regular, apresentando o planejamento financeiro, a poupança e o investimento pessoal como uma das principais carências por parte dessa amostra, a maioria dela apresentou bons comportamentos relativos ao endividamento, tendo poucas dívidas.

Ademais, pode-se supor que os comportamentos favoráveis de poupança predominantes por parte dos estudantes com maior renda familiar se justificam pelo fato de suas famílias terem recursos suficientes para pagarem as contas e ainda sobrar, podendo, assim, constituir poupança. Assim, fica evidente que a ação de poupar pode ser percebida como um privilégio para quem tem dinheiro excedente. Nesse sentido, um estudo do BACEN (2021) trouxe que a taxa de poupança das famílias no Brasil, predominantemente das rendas mais altas, apresenta correlação positiva com a renda disponível familiar per capita.

Tabela 5 – Correlação entre o Comportamento Financeiro e a IES

Correlação – Perguntas sobre Comportamento Financeiro e IES	
Bloco Planejamento Financeiro	
Perguntas	Correlação do comportamento financeiro com a IES*
1	-0,04988530
2	-0,09807675
4	0,01110233
5	-0,04439082
6	-0,03448860
7	0,06734854
12	-0,10794248
Bloco Poupança e Investimentos	
Perguntas	Correlação do comportamento financeiro com a IES*
3	0,04414388
9	0,01663577

14	0,03689346
15	0,09701910
16	0,08488295
Bloco Endividamento	
Perguntas	Correlação do comportamento financeiro com a IES*
8	-0,04834478
10	-0,06892933
11	-0,15990155
13	-0,22473744

Fonte: Dados da Pesquisa. *UnB numerada como (1) e UniCEUB como (2) para o cálculo da correlação, ou seja, valores positivos indicam melhores comportamentos por parte do UniCEUB e valores negativos indicam melhores comportamentos por parte da UnB.

5. CONCLUSÃO

Assim, nesse contexto que exige decisões financeiras cada vez mais complexas, percebe-se que a educação financeira e a alfabetização financeira são essenciais, já que estão diretamente associadas à redução do endividamento, ao aumento da disponibilidade de renda, a um melhor direcionamento à poupança e à outras formas de investimento, assim como a um melhor planejamento para a aposentadoria. Destarte, é importante ressaltar que o comportamento financeiro, constructo da Alfabetização Financeira mais significativo, quando é positivo, é evidenciado no planejamento financeiro e na construção de segurança financeira e, quando negativo, se mostra na utilização de crédito de forma excessiva, reduzindo o bem-estar financeiro.

Esse estudo objetivou analisar o comportamento financeiro de estudantes de graduação de uma IES pública e de uma IES particular, tendo como problema de pesquisa o questionamento se há ou não diferenças entre o comportamento financeiro de cada instituição. Essa temática foi escolhida devido a sua importância e ao número reduzido de pesquisas relacionadas à alfabetização financeira e, em especial, ao comportamento financeiro.

Como instrumento de pesquisa, teve-se a aplicação de um questionário online aos discentes de graduação de ambas as instituições, sendo obtidas 238 respostas válidas.

Os resultados trouxeram que os estudantes de graduação afirmaram ter comportamentos financeiros adequados na maioria das perguntas, mas pode-se contestar a pertinência dessas afirmações ao verificar que mais da metade desses estudantes ainda não trabalha. Além disso, apesar de ter sido observada uma correlação fraca entre o comportamento financeiro e as Instituições de Ensino Superior, foi perceptível que os estudantes do UniCEUB demonstraram ter melhores comportamentos de poupança, enquanto os da UnB tiveram comportamentos mais adequados em relação ao endividamento.

Além disso, foi evidenciada uma correlação moderada entre a renda familiar e as escolaridades da mãe e do pai, a qual representa que quanto maior a escolaridade, maior a renda familiar. Ademais, foi notada uma correlação de mesma magnitude entre a renda familiar e a IES, sendo visto que os discentes do UniCEUB possuem uma renda familiar maior.

Outrossim, é válido lembrar que, por ser uma pesquisa exploratória, a amostragem utilizada foi a por acessibilidade, ou seja, a que não é probabilística, e, portanto, não pode ser generalizada para toda a população.

Esse trabalho teve como limitação incluir poucos cursos de determinadas áreas do conhecimento, como as de exatas e de humanas. Devido ao baixo número de respostas online, foi necessário a coleta de respostas presencialmente, mas, em virtude de alguns cursos da UnB estarem em greve, foi perceptível que a consequente impossibilidade de alcançar alunos de cursos de determinadas áreas foi um fator limitante. Dessa forma, a área de conhecimento dos estudantes não foi um elemento considerado para correlacionar com o comportamento financeiro. Outra limitação foi o tipo de amostragem escolhido, já que não se pode generalizar para todos os estudantes dessas instituições.

Desse modo, é recomendado para futuras pesquisas na área de finanças pessoais que abordem a influência das áreas de conhecimento no comportamento financeiro dos estudantes, assim como ampliem a amostra para que se consiga obter dados que possam ser generalizados para a população.

Assim, respondendo ao problema de pesquisa relativo à existência de diferenças entre o comportamento financeiro de cada instituição, ficou evidente que até existem divergências, mas elas não são estatisticamente significativas.

Por último, frisa-se que ter conhecimentos de finanças pessoais é extremamente relevante, mas que se comportar adequadamente é necessário para conquistar e manter o bem-estar financeiro. À vista disso, espera-se que essa pesquisa colabore com a conscientização de que é preciso buscar ter bons comportamentos financeiros, assim como com a percepção de que realidades diferentes podem intervir nesses comportamentos, como é o caso de ações de poupança e de investimento, já que só é possível poupar aquilo se tem de sobra.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS¹

AGUIAR JUNIOR, J. F. de. Planejamento Financeiro Pessoal: Um Levantamento com Estudantes Universitários da Unesc, Provenientes De Jacinto Machado, Usuários Do Ônibus Municipal Noturno. 2013. 71 p. Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Criciúma – SC.

ALBUQUERQUE, E. F.; SOEIRO, W. C.; OLIVEIRA, A. S. de. Perfil dos Estudos sobre Educação Financeira e Finanças Pessoais no Brasil: Uma Análise Bibliométrica. **Desafio Online**, v. 11, n. 2, p. 379-399, mai./ago. 2023. Acesso em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/deson/article/view/14774>. Disponível em: 08 abr. 2024.

ALVES, D. F. C. **Literacia Financeira**: Conhecimento de Poupança de Estudantes Universitários. 2012. p. 107. Dissertação (Mestrado em Gestão) – Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2012.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Taxa de poupança das famílias: uma análise para Brasil e regiões. Estudo Especial nº 107/2021. – Divulgado originalmente como boxe do Boletim Regional, mai. 2021. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/conteudo/relatorioinflacao/EstudosEspeciais/EE107_Taxa_de_poupanca_das_familias.pdf. Acesso em: 15 jun. 2024.

BOGONI, N. M.; LEITE, M.; BARÃO, F. R.; ALMEIDA, M. de.; HEIN, N. Alfabetização financeira de estudantes universitários a partir das dimensões atitude financeira, comportamento financeiro e conhecimento financeiro. **Revista Teoria e Evidência Econômica**, v. 24, n. 50, p. 187-206, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rtee/article/view/8962>. Acesso em: 1 abr. 2024.

BONOMO, B.; MAINARDES, E. W.; LAURETT, R. Compra não Planejada e Endividamento Pessoal: Uma Análise de Relação. **Revista Administração em Diálogo**, v.19, n. 3, p.49-69, set./dez. 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/rad/article/view/32758>. Acesso em: 30 mai. 2024.

CALOVI, R. W. **Finanças Pessoais**: um estudo sobre a prática do planejamento financeiro de estudantes universitários de Porto Alegre. 2017. p. 91. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) – Departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2017.

CAMPOS, I. de. O.; CRUZ, D. M. C. da.; MAGALHÃES, Y. B.; RODRIGUES, D. da. S. Escolaridade, trabalho, renda e saúde mental: um estudo retrospectivo e de associação com usuários de um Centro de Atenção Psicossocial. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 3, p. 1-21, nov. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/ky8t9hcYM7BLhBN9XJ3WfWg/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

CONTANI, E. A. do. R.; ABREU, M. E. de. S.; REIS, L. G. dos. Influência do Nível de Conhecimento Financeiro sobre o Planejamento e Endividamento Pessoal. **Organizações e Sustentabilidade**, v. 9, n. 1, p. 134–158, jan./dez. 2022. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/ros/article/view/46599>. Acesso em: 30 mai. 2024.

DALMORO, M.; VIEIRA, K. M. Dilemas na Construção de Escalas Tipo Likert: O número de itens e a disposição influenciam nos resultados? **Revista Gestão Organizacional**, v. 6, n. 3, edição especial, 2013. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rgo/article/view/1386>. Acesso em: 22 mai. 2024.

FAVERI, D. B. de.; KNUPP, P. de. S. Finanças Comportamentais: Relação entre Traços de Personalidade e Vieses Comportamentais. **Revista Base (Administração e Contabilidade) da UNISINOS**, v. 15, n. 1, jan./mar. 2018. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Finan%C3%A7as+comportamentais%3A+Rela%C3%A7%C3%A3o+entre+tra%C3%A7os+de+personalidade+e+vieses+comportamentais&btnG=. Acesso em: 15 mai. 2024.

FEIJÓ, J. R.; FRANÇA, J. M. S. de.; PINHO NETO, V. R. de. Desempenho dos estudantes ao final do ensino médio: Mensurando a influência direta e indireta da educação dos pais. **Revista Brasileira de Economia**, v. 76,

¹ As referências foram feitas segundo as normas da ABNT.

n. 1, p. 30–56, jan./mar. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbe/a/Zx6b9fvJmbPGry7c89WZtQg/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

Ferreira, M. T. L. O nível de educação financeira e finanças pessoais dos alunos da Universidade Federal de Uberlândia - MG. 2017, p. 21. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Contábeis) - Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia. 2017.

JOBIM, S. S. A.; LOSEKANN, V. L. Alfabetização Financeira: Mensuração do Comportamento e Conhecimento Financeiros dos Universitários da Universidade da Região da Campanha, Rio Grande do Sul. **Sociais e Humanas**, Santa Maria, v. 28, n. 02, p. 125-139, mai./ago. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/index.php/sociaisehumanas/article/view/18835>. Acesso em: 11 abr. 2024.

JUSTEN, C. F.; TEIXEIRA, B. de. M. O Nível de Comprometimento da Renda com Compras Parceladas de Estudantes Universitários do Rs: Análise da Influência do Gênero. **ConTexto**, Porto Alegre, v. 20, n. 46, p. 69-85, set./dez. 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/ConTexto/article/view/104682>. Acesso em: 13 mai. 2024.

KICH, T. G. F.; LOPES, L. F. D.; ALMEIDA, D. M. de., CORRÊA, J. S.; TAVARES, T. de. O Análise da relação do nível de educação financeira com os vieses comportamentais para universitários brasileiros. **Desenvolve: Revista de Gestão do Unilasalle, Canoas**, v. 7, n. 2, p. 53-73, jul. 2018. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/desenvolve/article/view/3760>. Acesso em: 07 mai. 2024.

LEAL, S. C.; SANTOS, D. V. dos.; COSTA, P. de. S. Educação Financeira: Perfil de Educação Financeira dos Discentes de Graduação e Pós-Graduação de Instituições de Ensino Superior Brasileiras. XVII Congresso USP de Iniciação Científica em Contabilidade. São Paulo, 29-31 Jul. 2020. Disponível em: <https://congressosp.fipecafi.org/anais/20UspInternational/ArtigosDownload/2743.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2024.

LIMA FILHO, W. A. de.; SILVA, C. T. C. da.; LEVINO, N. de. A. Comportamento Financeiro Pessoal: Uma Análise dos Docentes da Universidade Federal de Alagoas. **Sinergia**, Rio Grande, v. 24, n. 2, p. 23-36, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://furg.emnuvens.com.br/sinergia/article/view/9411>. Acesso em: 08 abr. 2024.

LIMA, M. N. de.; LEVINO, N. de. A.; SANTOS, A. N. dos. A. Contabilidade Aplicada ao Controle das Finanças Pessoais: Uma Análise com Estudantes Universitários. XLIX Simpósio Brasileiro de Pesquisa Operacional, Blumenau-SC, p. 1202-1213, 27-30 ago. 2017. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=A+Contabilidade+Aplicada+ao+Controle+das+Finan%C3%A7as+Pessoais%3A+Uma+An%C3%AAlise+com+Estudantes+Universit%C3%A1rios&btnG=. Acesso em: 10 mai. 2024.

LIMA, R. T. de. **Educação Financeira: Influência nas Decisões de Consumo, Poupança e Investimento de discentes.** 2023. p. 49. Monografia (Graduação em Administração) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal. 2023.

LIZOTE, S. A.; VERDINELLI, M. A. Educação Financeira: um Estudo das Associações entre o Conhecimento sobre Finanças Pessoais e as Características dos Estudantes Universitários do Curso de Ciências Contábeis. XIV Congresso USP Controladoria e Contabilidade, São Paulo, p. 1-16, 21-23 jul. 2014. Disponível em: <https://congressosp.fipecafi.org/anais/artigos142014/442.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2024.

MACEDO, M. A. da. S.; DANTAS, M. M.; OLIVEIRA, R. F. da. S. de. Análise do Comportamento Decisório de Profissionais de Contabilidade sob a Perspectiva da Racionalidade Limitada: Um Estudo sobre os Impactos da Teoria dos Prospectos e das Heurísticas de Julgamento. **Revista Ambiente Contábil**, Natal, v. 4, n. 1, p. 1 – 16, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://atena.org.br/revista/ojs-2.2.3-08/index.php/Ambiente/article/viewArticle/1268>. Acesso em: 15 mai. 2024.

MANIÇOBA, R. F. Contribuição do nível educacional no comportamento financeiro pessoal. **Revista Faz Ciência**, v. 19, n. 30, p. 34-48, 2017. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/fazciencia/article/view/14447>. Acesso em: 01 abr. 2024.

MAROTTI, J.; GALHARDO, A. P. M.; FURUYAMA, R. J.; PIGOZZO, M. N.; CAMPOS, T. N.; LAGANÁ, D. C. Amostragem em Pesquisa Clínica: Tamanho da Amostra. **Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo**, v. 20, n. 2, p. 186-194, mai./ago. 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Juliana-Marotti/publication/285800533_Amostragem_em_pesquisa_clinica_Tamanho_da_amostra/links/566aca4008aea0892c4b9e11/Amostragem-em-pesquisa-clinica-Tamanho-da-amostra.pdf. Acesso em: 05 jun. 2024.

MATSUMOTO, A. S.; KONDO, E. K.; CUNHA, G. H. de M.; BOURAHLI, A.; PRATA, G. E. Educação Financeira: Estudo comparativo entre estudantes de uma universidade pública (PR) e uma privada (DF). XVI Seminários em Administração, Brasília, out. 2013. Disponível em: <https://sistema.semead.com.br/16semead/resultado/trabalhosPDF/124.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2024.

MELO, M. A. F. **Educação financeira, poupança e investimento**. 2016, 136 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Empresarial) – Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Centro de Formação Acadêmica e Pesquisa, 2016.

OLIVEIRA, A. L. L. de M. **Atitudes para com o Endividamento entre Estudantes Universitários: Papel da Literacia Financeira, da Influência Parental e das Dificuldades Financeiras**. Tese (Mestrado em Economia Financeira), Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra. Coimbra, p. 50. 2016.

OLIVEIRA, G. C.; DEMITO, A. R.; SILVA, A. C. M. da. Saúde Financeira e Alfabetização Financeira: Estudo de Caso em uma Mineradora da Região Norte do Brasil. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 16, n. 47, p. 163–179, 2023. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/2639>. Acesso em: 8 maio. 2024.

OLIVEIRA, G. C.; SILVA, A. C. M, da. Correlação entre educação financeira dos jovens estudantes e a situação financeira de universitários de uma IES privada. **Revista Vianna Sapiens**, v. 13, n. 1, p. 24, 2022. Disponível em: <https://www.viannasapiens.com.br/revista/article/view/881>. Acesso em: 18 jul. 2024.

POTRICH, A. C. G.; VIEIRA, K. M.; CERETTA, P. S. Nível de Alfabetização Financeira dos estudantes universitários: afinal, o que é relevante? **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, Campo Largo, v. 12, n. 3, p. 315-334, set./dez., 2013. Disponível em: <https://www.periodicosibepes.org.br/index.php/recadm/article/view/1656/738>. Acesso em: 01 abr. 2024.

POTRICH, A. C. G., VIEIRA, K. M.; KIRCH, G. Determinantes da Alfabetização Financeira: Análise da Influência de Variáveis Socioeconômicas e Demográficas. **Revista Contabilidade & Finanças**, USP, São Paulo, v. 26, n. 69, p. 362-377, set./dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcf/a/wM9hSthWFCztM3t8bbbqPSG/?lang=pt>. Acesso em: 27 mar. 2024.

SANTOS, A. C. dos.; GARCIA, E. L. M.; FAIA, V. da. S.; SANTOS, A. M. F. dos. Finanças Pessoais: Um Estudo Com Acadêmicos Sob A Abordagem Da Teoria Da Contabilidade Mental. **Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ (online)**, Rio de Janeiro, v. 24, n.1, p. 90-111, jan./abr. 2019. Disponível em: <http://www.atena.org.br/revista/ojs-2.2.3-08/index.php/UERJ/article/viewArticle/3308>. Acesso em: 15 abr. 2024.

SERASA. Mapa da Inadimplência e Negociação de Dívidas no Brasil, 2024. Disponível em: <https://www.serasa.com.br/limpa-nome-online/blog/mapa-da-inadimplencia-e-renogociacao-de-dividas-no-brasil/>. Acesso em: 14 jun. 2024.

SICSÚ, A. L.; DANA, S. Estatística Aplicada: Análise Exploratória de Dados. 1a Edição. São Paulo: Editora Saraiva, 2012. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788502177574/>. Acesso em: 11 jun. 2024.

SILVA, A. J.; PAIXÃO, R. B.; MOTA, F. L. Planejamento financeiro pessoal: Uma abordagem sobre as contribuições da administração financeira na gestão dos recursos pessoais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CUSTOS, 21, 2014, Natal. Anais do Congresso Brasileiro de Custos - ABC, Natal: Associação Brasileira de Custos, 2014. p.1-16. Disponível em: <https://anaiscbc.emnuvens.com.br/anais/article/view/3644>. Acesso em: 15 maio. 2024.

VIEIRA, D. L. M.; COSTA, W. P. L. B. da.; SILVA, J. D. da.; KRONBAUER, C. A.; SILVA, S. L. P. Fatores determinantes da utilização da contabilidade mental no julgamento e tomada de decisão de fatos contábeis. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CUSTOS, 19, 2022, João Pessoa. Anais do Congresso Brasileiro de Custos-ABC, João Pessoa: Associação Brasileira de Custos, 2022. p.1-16. Disponível em: <https://anaiscbc.emnuvens.com.br/anais/article/view/4921>. Acesso em: 17 abr. 2024.

APÊNDICE 1 – Questionário Adaptado

Questionário de Potrich, Vieira e Kirch (2015) Adaptado - Comportamento Financeiro de
Estudantes de Graduação

ACEITE DE PARTICIPAÇÃO:

Prezado Estudante de Graduação da UNB e do UNICEUB,

Este questionário é parte integrante do TCC de Júlia Porfírio Rabelo, em Ciências Contábeis pela UnB, orientada pela professora Dr^a Ducineli Régis Botelho, no 1º semestre de 2024. Ele tem como objetivo analisar o comportamento financeiro de estudantes de graduação de uma IES pública e de uma IES particular.

Sua participação é extremamente importante e ajudará bastante, não só a mim, mas também ao curso de Ciências Contábeis da Universidade de Brasília.

O tempo de preenchimento desse questionário corresponde a, aproximadamente, 10 minutos.

Salienta-se que todos os dados coletados são de caráter confidencial e serão apresentados no estudo somente de forma agregada.

Se tiver alguma dúvida, pode entrar em contato comigo pelo email 180103881@aluno.unb.br ou com minha orientadora pelo email Ducineli@unb.br.

Desde já, agradeço a colaboração com a nossa pesquisa!

Aceita participar da pesquisa: () Sim () Não.

PARTE 1:

Nome Completo: _____

Instituição de Ensino Superior: () UnB () UniCEUB

Email Institucional: _____

Matrícula: _____

Qual o seu curso de graduação? _____

Em que ano iniciou o seu curso de graduação? _____

Gênero: () Feminino () Masculino () Outro: _____

Estado Civil: () Solteiro () União Estável () Casado () Divorciado () Outro: _____

Possui dependentes: () Não () Sim, apenas 1 () Sim, 2 ou +

Ocupação: () Só estuda () Trabalha e estuda

Idade: _____

Última escolaridade completa:

() Ensino Fundamental () Ensino Médio () Curso Técnico () Curso Superior

() Especialização/MBA () Mestrado/Doutorado/Pós-Doutorado () Outro: _____

Última escolaridade completa da mãe:

() Ensino Fundamental () Ensino Médio () Curso Técnico () Curso Superior

() Especialização/MBA () Mestrado/Doutorado/Pós-Doutorado () Outro: _____

Última escolaridade completa do pai:

() Ensino Fundamental () Ensino Médio () Curso Técnico () Curso Superior
 () Especialização/MBA () Mestrado/Doutorado/Pós-Doutorado () Outro: _____

Renda Própria:

() Sem renda própria () Até R\$700,00 () Entre R\$700,01 e R\$1.400,00 () Entre R\$1.400,01 e R\$2.100,00 () Entre R\$2.100,01 e R\$3.500,00 () Entre R\$3.500,01 e R\$7.000,00 () Entre R\$7.000,01 e R\$14.000,00 () Mais de R\$14.000,00

Renda Familiar:

() Até R\$700,00 () Entre R\$700,01 e R\$1.400,00 () Entre R\$1.400,01 e R\$2.100,00 () Entre R\$2.100,01 e R\$3.500,00 () Entre R\$3.500,01 e R\$7.000,00 () Entre R\$7.000,01 e R\$14.000,00 () Mais de R\$14.000,00

PARTE 2:

1. Anoto e controlo os meus gastos pessoais (ex.: planilha de receitas e despesas mensais).

- () Concordo Totalmente
 () Concordo Parcialmente
 () Indiferente
 () Discordo Parcialmente
 () Discordo Totalmente

2. Comparo preços ao fazer uma compra.

- () Concordo Totalmente
 () Concordo Parcialmente
 () Indiferente
 () Discordo Parcialmente
 () Discordo Totalmente

3. Faço uma reserva do dinheiro que recebo mensalmente para uma necessidade futura.

- () Concordo Totalmente
 () Concordo Parcialmente
 () Indiferente
 () Discordo Parcialmente
 () Discordo Totalmente

4. Tenho um plano de gastos / orçamento.

- Concordo Totalmente
 - Concordo Parcialmente
 - Indiferente
 - Discordo Parcialmente
 - Discordo Totalmente
- 5. Consigo identificar os custos que pago ao comprar um produto no crédito.**
- Concordo Totalmente
 - Concordo Parcialmente
 - Indiferente
 - Discordo Parcialmente
 - Discordo Totalmente
- 6. Eu geralmente alcanço os objetivos que determino ao gerenciar meu dinheiro.**
- Concordo Totalmente
 - Concordo Parcialmente
 - Indiferente
 - Discordo Parcialmente
 - Discordo Totalmente
- 7. Eu discuto com a minha família sobre como eu gasto o nosso dinheiro.**
- Concordo Totalmente
 - Concordo Parcialmente
 - Indiferente
 - Discordo Parcialmente
 - Discordo Totalmente
- 8. Pago minhas contas em dia.**
- Concordo Totalmente
 - Concordo Parcialmente
 - Indiferente
 - Discordo Parcialmente
 - Discordo Totalmente
- 9. Eu guardo parte da minha renda todo o mês.**
- Concordo Totalmente
 - Concordo Parcialmente
 - Indiferente
 - Discordo Parcialmente

Discordo Totalmente

10. Gasto o dinheiro antes de obtê-lo.

Concordo Totalmente

Concordo Parcialmente

Indiferente

Discordo Parcialmente

Discordo Totalmente

11. Frequentemente peço dinheiro emprestado para a família ou amigos para pagar as contas.

Concordo Totalmente

Concordo Parcialmente

Indiferente

Discordo Parcialmente

Discordo Totalmente

12. Eu analiso minhas contas antes de fazer uma compra grande.

Concordo Totalmente

Concordo Parcialmente

Indiferente

Discordo Parcialmente

Discordo Totalmente

13. Eu evito comprar por impulso e utilizar as compras como uma forma de diversão.

Concordo Totalmente

Concordo Parcialmente

Indiferente

Discordo Parcialmente

Discordo Totalmente

14. Eu guardo dinheiro regularmente para atingir objetivos financeiros de longo prazo como, por exemplo, educação dos meus filhos, aquisição de uma casa, aposentadoria, etc.

Concordo Totalmente

Concordo Parcialmente

Indiferente

Discordo Parcialmente

Discordo Totalmente

15. Invisto o dinheiro que possuo (poupança, imóveis, etc)?

- Concordo Totalmente
- Concordo Parcialmente
- Indiferente
- Discordo Parcialmente
- Discordo Totalmente

16. Posso uma reserva financeira igual ou maior a 3 vezes as minhas despesas mensais, que possa ser resgatada rapidamente.

- Concordo Totalmente
- Concordo Parcialmente
- Indiferente
- Discordo Parcialmente
- Discordo Totalmente

AGRADECIMENTO:

Obrigada por responder o questionário!

Revise suas respostas antes de enviar.